

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.013

## **MOVIMENTOS CURRICULARES DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E AS QUESTÕES DE CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES**

Mac Cleide de Jesus Braga Amaral<sup>1</sup>  
Marcos Lopes de Souza<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O respectivo trabalho objetiva discutir as pesquisas que abordam os corpos, as relações de gêneros e as sexualidades nos currículos dos cursos de pedagogia no período de (2014 a 2023). Trata-se de um estudo que visa sintetizar e analisar como as questões envolvendo os gêneros e as sexualidade atravessam os documentos, fluxogramas e ementas dos cursos de pedagogia e quais os discursos das docentes, discentes e egressas(os). O estudo divide-se nos respectivos tópicos: 1 – Introdução: subdivide-se em - 1.1 -Justificativa e visão da temática: caminhos percorridos, nosso pesquisar e nossa escrita; 1.2 - Revisão sistemática de pesquisas que discutem corpos, gêneros e sexualidades nos currículos dos cursos de pedagogia; 2 – Pedagogia e Diferença: O que pode um currículo? e 3 – Considerações: Algumas interrogações e multiplicações possíveis. O caminho percorrido durante o desenho e a produção deste artigo, nos permite analisar e compreender as pesquisas e debates no tocante aos gêneros e sexualidades no currículo, bem como pensar os movi-

- 
- 1 Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores de Ciências e Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-Ba, mac.jbamara@gmail.com;
  - 2 Professor Doutor do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-Ba, marcos.lopes@uesb.edu.br.

mentos que permeiam os currículos dos cursos de pedagogia, seus entraves, limitações, silenciamentos e negações, mas também suas potencialidades. Ressaltamos que não tencionamos apresentar soluções para os entraves da formação da(o) pedagoga(o) no que tange às respectivas questões, pois reconhecemos as limitações existentes, mas, como uma possibilidade de pensar o currículo de Pedagogia como um espaço para vivenciarmos e problematizarmos a diferença, que poderá contribuir para a valorização, multiplicidade e compreensão da produção das diferenças nos diversos contextos educativos.

**Palavras-Chave:** Corpo, gênero e sexualidade; Currículo; Diferença; Pedagogia

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 JUSTIFICATIVA E VISÃO DA TEMÁTICA: CAMINHOS PERCORRIDOS, NOSSO PESQUISAR E NOSSA ESCRITA

Ao percorrermos os caminhos para a construção das metodologias de pesquisa as quais nos apoiamos, é importante salientarmos que educamos, pesquisamos, lemos, escrevemos e produzimos em um novo tempo, um tempo diferente, que nos permite descontinuidades e variadas formas de criar e fazer nossas pesquisas (Paraíso, 2012). Em tal perspectiva, enfatizamos nossa aproximação com as metodologias das pesquisas pós-criticas, pós-estruturalista e que está se justifica pelos atravessamentos que transitaram nossas trajetórias acadêmica e profissional, assim como no desenvolvimento de atividades no Acuedações – Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - *campus* de Jequié que debate sobre as temáticas de gênero, sexualidade, raça e etnia no campo do currículo e da formação de professoras/es.

Há a premissa de que as transformações que ocorrem em nossas vidas, na educação e nas interações que estabelecemos, podem ser explicadas pelos conceitos, teorias e categorias que produzimos e utilizamos (Paraíso, 2012). Ao nos “enveredarmos” pelos caminhos das pesquisas e metodologias pós-criticas, assim como em outros textos, assumimos o lugar de fala particular (Maknamara; Paraíso, 2013). Tal escolha justifica a nossa escrita na 1ª pessoa do plural, assim como, a opção por escrever este texto utilizando o artigo (a), em substituição aos artigos (o e/ou a, o/a), com exceção, em situações nas quais ocorram a necessidade de citar autoras e pesquisadoras, perspectivando a compreensão do trabalho e reconhecendo seus lugares. Isso se deve ao fato de nos atentarmos às questões de gênero/sexualidade e por compreender a importância de questionar as naturalizações de uma cultura patriarcal, dicotômica, cujos binarismos poderão contribuir para o não reconhecimento e a invalida-

ção das mulheres em suas criações, escritas e produções. Salientamos que um dos objetivos é subverter e questionar, pensando nas múltiplas e instáveis formas de pensar as escritas e as pessoas e não, propor novos aprisionamentos.

Ao perspectivar este texto, objetivamos justificar a escolha da temática, alguns caminhos percorridos e a forma de pesquisar e escrever, a partir deste tópico, intitulado *Introdução* e que se subdivide-se neste e em um segundo subtópico *1.2 - Revisão sistemática de pesquisas que discutem corpos, gêneros e sexualidades nos currículos dos cursos de pedagogia*, que tenciona uma revisão sistemática e a sintetização de pesquisas que discutem os corpos, os gêneros e as sexualidade e os movimentos curriculares dos cursos de pedagogia entre 2014 e 2023 e tendo como perguntas norteadoras: Qual o estado da arte em relação à respectiva temática nos últimos 10 anos? E quais os entraves e possibilidades no que tange ao currículo de pedagogia?

Em *Pedagogia e Diferença: O que pode um currículo?*, segundo tópico deste texto, perspectivamos problematizar o currículo a partir de Macedo (2012), Silva (2000) e Paraíso (2012), buscando pensar o currículo pós-critico, suas multiplicidades, a possibilidade em considerarmos um currículo não “normativo”, com raciocínios não generificados, onde não há espaço para relações desiguais de gênero, questionando a identidade e diferença como relações de poder, visando o reconhecimento e valorização da diferença e a subversão das hierarquizações e desigualdades, visionando a pedagogia como diferença.

No terceiro e último tópico, alcunhado *Considerações: Algumas interrogações e multiplicações possíveis*, intentamos fazer uma síntese da discussão e das principais implicações, conclusões, ao tempo em que avaliaremos o trabalho, apresentaremos questionamentos e fragilidades pertinentes à temática investigada e como podemos pensar a multiplicação de novas propostas, questões e pesquisas. Para além, discutiremos acerca das questões norteadoras e se ambas foram respondidas ou não.

## 1.2 REVISÃO SISTEMÁTICA DE PESQUISAS QUE DISCUTEM CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA

Quais estudos foram realizados acerca da respectiva temática nos últimos 10 anos? E quais os entraves e possibilidades no que tange ao currículo de pedagogia? Tendo em vista as seguintes questões norteadoras e perspectivando fazer um levantamento de estudos importantes acerca das pesquisas que discutem corpos, gêneros e sexualidades nos currículos dos cursos de pedagogia, nos respaldaremos na metodologia de revisão sistemática que é compreendida como “uma metodologia rigorosa proposta para: identificar os estudos sobre um tema em questão, aplicando métodos explícitos e sistematizados de busca; avaliar a qualidade e validade desses estudos, assim como sua aplicabilidade” (De-La-Torre-Ugarte-Guanilo; Takahashi; Bertolozzi, 2011, p. 1261).

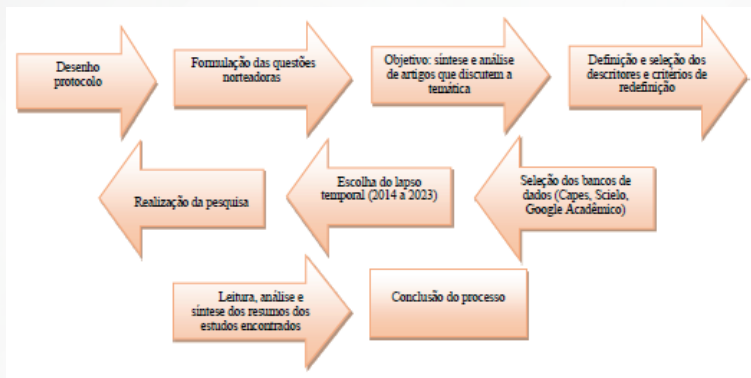
Em tal perspectiva, uma pesquisa de revisão sistemática é um levantamento formal de estudos relevantes sobre uma determinada temática, que apresenta e testa hipóteses, selecionando, agrupando e avaliando os estudos de modo crítico, ao tempo em que investiga e sintetiza resultados de importantes estudos, busca responder questões de pesquisa e investiga estudos correlatos visando novos direcionamentos, utilizando métodos sistemáticos.

Desse modo, este estudo de revisão sistemática objetiva investigar artigos que tratam das questões de corpos, gêneros e sexualidades nos currículos dos cursos de pedagogia nos últimos 10 anos (2014 a 2023), analisando como essas questões têm permeado os movimentos curriculares e atravessam os documentos, fluxogramas e ementas dos cursos, além de apresentar os entendimentos e discursos de docentes, discentes e egressas acerca dessas questões, de suas vivências e experiências, no tocante à sua relevância, entraves e limitações.

A pesquisa foi pensada, desenhada e realizada com foco no intervalo de 2014 a 2023. Para essa finalidade e visando trilhar o caminho

necessário, buscamos construir um protocolo, formulando as questões norteadoras, elegendo o objetivo, definindo e selecionando os descritores, pensando nos elementos pertinentes para a definição e realização da pesquisa. O desenho abaixo facilitará a compreensão acerca do caminho trilhado.

**Fig 1** – Percurso da pesquisa de Revisão sistemática



**Fonte:** Elaboração das(os) autoras(os) – 2024

Com base na figura acima, é possível compreender o processo de revisão sistemática realizada. Inicialmente, buscamos fazer o desenho da pesquisa e criamos o protocolo que se traduz por meio da figura 1, formulamos as duas perguntas norteadoras e definimos o objetivo que visa sintetizar e analisar artigos que discutem a mesma temática, traduzindo-se como um dos critérios de inclusão/exclusão, levando em conta que o foco desse estudo é analisar apenas artigos, realizando a exclusão de quaisquer outros textos. Após as etapas citadas e a produção do resumo deste artigo, elegemos os seguintes descritores focando no título, no resumo e nas palavras chaves dos textos: “corpos”, “gêneros”, “sexualidades”, “pedagogia”, “relações de gênero” e “currículo de pedagogia”, como termos essenciais na perspectiva de atingir os resultados esperados.

Em seguida, analisamos algumas bases de dados levando em conta a representatividade acadêmica, para decidir em quais bases a pesquisa seria feita, elegendo as três respectivas: a Scientific Electronic Library Online (Scielo), o Google Acadêmico (Google Scholar) e o Portal de Periódicos

dicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Conseqüentemente, tivemos a necessidade de escolher o lapso temporal, optando por delimitar o período dos últimos 10 anos, selecionando estudos publicados entre 2014 e 2023, visando a análise dos resumos e textos encontrados, como apresento no quadro a seguir:

**Quadro 1:** Quantidade de artigos encontrados nos respectivos bancos de dados:

Bancos de Dados	Textos encontrados	1ª Redefinição	2ª Redefinição
Scielo	200	20	06
Google acadêmico	76	08	07
Portal de Periódico Capes	30	10	07

**Fonte:** Portal de periódicos Scielo, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Capes (Dez/2023-Jan/2024).

O quadro 1 revela a quantidade total de textos encontrados, considerando as publicações dos 10 últimos anos e isso demonstra um resultado ainda incipiente, sobretudo após redefinições, pois mesmo com um número considerável de textos encontrados, após segunda redefinição, restaram poucos trabalhos em cada banco de dados. No entanto, vale reiterar, que após encontrar os 306 estudos, utilizamos alguns importantes critérios de redefinição, como: país, idioma, área temática, tipo de literatura, se citável, entre outros.

**Quadro 2:** Artigos encontrados no banco de dados do Scielo:

Nº	TÍTULO DO TEXTO (ARTIGO)	AUTORAS(ES)	ANO	PUBLICAÇÃO
01	Pensando sobre formação docente, subjetividade e experiência de si a partir da escrita de estudantes de Pedagogia	Roney Polato de Castro	2016	PRO-POSIÇÕES
02	A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as	Juliana Lapa Rizza; Paula Regina Costa Ribeiro; Maria Renata Alonso Mota.	2018	Educação Pesquisa - São Paulo
03	Quando o currículo se torna passarela para a diferença	George Souza de Melo; Anna Luiza A. R. Martins de Oliveira.	2020	DOSSIÊ - Educação, democracia e diferença

Nº	TÍTULO DO TEXTO (ARTIGO)	AUTORAS(ES)	ANO	PUBLICAÇÃO
04	Currículo e formação em pedagogia: o que dizem estudantes sobre os paradoxos que marcam o trabalho com relações de gênero e sexualidades?	Roney Polato de Castro; Anderson Ferrari.	2021	Revista Brasileira de Educação
05	Formação docente crítica em torno das questões de raça, etnia, gênero e sexualidade à luz da concepção de educação libertadora de Paulo Freire <sup>1</sup>	Juliana Rezende Torres; Lourdes de Fátima Bezerra Carril.	2021	Educar em Revista -Curitiba
06	Projetos pedagógicos de curso em análise: gênero e sexualidade na formação docente	Eduardo Barbosa De Menezes Guimarães, Iolete Ribeiro Da Silva; Isabel Cristina Fernandes Ferreira; Ângelo Cabral Esperança.	2023	Educação em Revista -Belo Horizonte

Fonte: Scielo (Dez/2023-Jan/2024)

O quadro 2 se refere aos artigos encontrados no Scielo. Eles tratam especificamente das questões acerca das relações de gênero e sexualidades no âmbito dos cursos de formação docente, onde daremos ênfase ao curso de pedagogia. Ao realizar as leituras, análises e sínteses desses estudos, percebemos pontos que coadunam e outros que divergem, assim como vieses distintos são apresentados.

No primeiro artigo, o autor discute as experiências de estudantes de um curso de pedagogia em um componente curricular que trata especificamente das temáticas relações de gênero e sexualidade, e busca analisar as produções das pedagogas em formação com base em suas vivências e experiências, Segundo Castro (2016), a análise do respectivo material propiciou o levantamento dessas questões por parte das participantes, no que tange ao exercício da docência, além da autoanálise de suas subjetividades e suas relações consigo mesmas e com o outro.

No artigo intitulado “A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as”, as autoras investigaram políticas de formação de professoras e a produção das verdades que as permeiam, a partir da perspectiva Foucaultiana no contexto de

disciplinas que discutem a sexualidade em universidades federais nas cinco regiões brasileiras e, mostraram uma quantidade significativa de disciplinas específicas nos cursos de licenciatura, contudo, onde o foco de discussão mais recai sobre a escola e se apresenta como campo privilegiado para as discussões, foi nos cursos de pedagogia, cujas ementas têm pauta os debates acerca da diferença e das diversidades. Para as autoras, essa análise permitiu problematizar os movimentos que o dispositivo da sexualidade apresenta contemporaneamente (Rizza et al., 2018).

Melo e Oliveira (2020), em “Quando um currículo se torna passarela para a diferença” fruto de uma pesquisa de mestrado, debatem os corpos, gêneros e as sexualidades, no currículo em uma perspectiva pós-estruturalista, e apesar dos descritores que elegemos, coadunarem com as palavras-chaves do texto, isso ocorre no contexto do ensino médio e não no curso de pedagogia. No entanto, vale pontuar que as ações realizadas e analisadas nesse estudo, cujos corpos dissidentes, exerceram o direito de aparecer [...] Fizeram do currículo, portanto, a sua própria passarela” (Melo; Oliveira, 2020, p. 16).

Castro e Ferrari (2021), discutem questões elaboradas a partir de uma pesquisa mais abrangente, focando na presença e ausência dessas discussões, no currículo de pedagogia de uma universidade federal, a partir da análise de questionários qualitativos, onde eles analisam de quais formas essas questões atravessaram suas formações, e subjetivações, salientando que foi percebido um aspecto paradoxal.

No penúltimo artigo, Torres e Carril (2021), abordam a formação docente em torno das questões de raça, etnia, gênero e sexualidade nos cursos de Biologia, Pedagogia e Geografia, mas com foco nos referenciais Freirianos e ao final destaca a relevância de desenvolver trabalhos pedagógicos em torno de questões relativas às diferenças. Já o último artigo analisado, enfatiza o fato de ser comum se deparar com docentes que reproduzem violências LGBTQIAPN+fóbicas ou se silenciam, como justificativa para investigar e identificar de que modo tais temáticas estão presentes em dez projetos pedagógicos de cursos de formação docente,

incluindo o curso de pedagogia de duas Universidades públicas de Manaus. Segundo Guimarães et al. (2023), a presença das temáticas nas ementas é diminuta, não ocorre de forma transversal, mas em momentos pontuais e quando acontece ainda está atrelada a um discurso biológico, diferente do que o Projeto Político do Curso - PPC estabelece.

**Quadro 3:** Artigos encontrados no banco de dados do Google Acadêmico:

Nº	TÍTULO DO TEXTO (ARTIGO)	AUTORAS(ES)	ANO	PUBLICAÇÃO
01	Modos de ver, sentir e questionar: desvelando o lugar do gênero e da sexualidade no curso de pedagogia	Taisa De Sousa Ferreira; Marco Antonio Leandro Barzano.	2014	Momento
02	Tecer e entretecer a vida: educação para as sexualidades e gêneros na formação docente	Constantina Xavier Filha.	2017	InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS.
03	Percorrendo os caminhos diante da pesquisa bibliográfica: os movimentos de formação em gênero e sexualidade nos cursos de licenciatura em pedagogia entre os anos de 2006 e 2018	Apolônia Ferreira Silva	2019	Revista Diversidade e Educação
04	Gêneros e sexualidades na formação docente entre dores e delícias: problematizações	Constantina Xavier Filha	2021	Ensino e Pesquisa
05	Presenças e ausências de gênero e sexualidade na formação inicial em pedagogia das IES comunitárias de Santa Catarina	Tânia Mara Cruz; Márcia Buss-Simão.	2021	Revista HISTEDBR On-line
06	Trajetórias formativas com pesquisas em gênero e sexualidade na educação	Alexandre Gomes Soares; Marlucy Alves Paraíso.	2022	Educação Revista do Centro de Educação - UFSM
07	Gênero e sexualidade no currículo da pedagogia: movimentos curriculares na formação transversal	Alexandre Gomes Soares; Marlucy Alves Paraíso.	2023	RIE – Revista Imagens da Educação

Fonte: Google Acadêmico (Dez/2023-Jan/2024)

Tanto no Google Acadêmico, quanto no Portal de Periódicos da Capes, após redefinições, o número de trabalhos analisados, foram sete e, vale pontuar, que há duplicidades. No quadro 3, estão elencados apenas os artigos encontrados no Google Acadêmico e assim como os do quadro anterior, também tratam das questões relativas aos gêneros e sexualidades no currículo dos cursos de pedagogia.

Acerca da temática e descritores, é importante frisar que mesmo tendo sido utilizado o descritor “corpos”, nem sempre ele aparecia nos títulos, resumos ou palavras-chaves, mas esteve presente em alguns textos e discussões, como observaremos a seguir.

Ferreira e Barzano (2014), objetivam demonstrar a presença das questões de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia e os resultados anunciam que estas são atravessadas por negações e silenciamentos, tanto no contexto do currículo, quanto nas práticas docentes, indo de encontro com a resistência, enunciação e reivindicação de algumas práticas e sujeitos. No artigo de número 2, Xavier Filha (2017), discute o processo da educação para as sexualidades e gêneros na formação docente e salienta que o corpo foi banido da escola, além de ser disciplinado e educado, visando conter a sexualidade. Para Xavier Filha, é importante que a formação docente desnaturalize tais práticas. O 4º texto também é da autora, porém de 2021. Nele, a autora descreve as discussões advindas de práticas profissionais da pesquisadora, no contexto da formação inicial no curso de pedagogia, além de salientar e descrever o processo de inclusão da disciplina Educação, Sexualidade e Gênero no curso. Para a autora, esse é um campo de lutas e disputa do currículo, visando a legitimação de conteúdos e área de conhecimento.

A problematização dos gêneros e das sexualidades na Licenciatura em Pedagogia e como tais questões atravessam os trabalhos acadêmicos entre os anos de 2006 e 2018, foi realizada no texto 3, por Silva (2019). Na oportunidade, são percebidas mudanças significativas na política envolvendo essas questões, sobretudo até meados de 2010, mas houve

retrocesso, e hoje, há necessidade de reiterar a relevância dessas discussões e práticas.

Buscando compreender contradições que atravessam a ausência e presença dos estudos de gênero e sexualidade na formação inicial em Pedagogia das Instituições de Ensino Superior Comunitárias de Santa Catarina, Cruz e Simão (2021) analisaram as ementas dos cursos entre 2014 e 2018, e revelaram mais ausências do que presença dessas temáticas, uma preocupação das autoras diante de um contexto de perda de direitos sociais e crescimento da onda conservadora e fundamentalista.

Os dois últimos textos elencados, das mesmas autoras, um de 2022 e o outro de 2023, apresentam uma entrevista com a docente e pesquisadora Dagmar Elisabeth Estermann Meyer, realizada por Soares e Paraíso (2022), objetivando compreender suas trajetórias formativas com pesquisas em gênero e sexualidade no campo da educação e da saúde e, no que tange ao campo educacional, uma das perspectivas da pesquisadora, é que a ação de educar se preocupe com o que, quem e como ensinam e se aprendem, para além das instituições de ensino e as salas de aula. Já Soares e Paraíso (2023), analisaram percepções de docentes e discentes acerca das questões de gênero e sexualidade no currículo da Pedagogia, na formação transversal na Universidade Federal de Minas Gerais, perspectivando compreender os percursos propostos na formação transversal. Após análise, elas identificaram os movimentos curriculares das disciplinas transversais com foco em gênero e sexualidade, além de perceber que no currículo do Ensino Superior, essas questões são permeadas por estranhamentos, resistência, invenção, criatividade e no entendimento de currículo como território de afirmação da vida.

**Quadro 4:** Artigos encontrados no banco de dados Portal de Periódicos da Capes:

Nº	TÍTULO DO TEXTO (ARTIGO)	AUTORAS(ES)	ANO	PUBLICAÇÃO
01	Educação, relações de gênero e sexualidades: experiências de estudantes de pedagogia	Roney Polato de Castro	2016	Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador

Nº	TÍTULO DO TEXTO (ARTIGO)	AUTORAS(ES)	ANO	PUBLICAÇÃO
02	Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo queer	Pedro Paulo Souza Rios; Helma de Melo Cardoso; Alfrancio Ferreira Dias.	2018	Educação e Formação - Fortaleza
03	Percorrendo os caminhos diante da pesquisa bibliográfica: os movimentos de formação em gênero e sexualidade nos cursos de licenciatura em pedagogia entre os anos de 2006 e 2018	Apolônia Ferreira Silva	2019	Revista Diversidade e Educação
04	Pedagogias transgressoras: as potencialidades decolonizadoras de pedagogias que tratam de gênero e sexualidade	Emmanuel Henrique Souza Rodrigues	2019	Revista Espaço Acadêmico
05	Formação docente e as relações de gênero e sexualidade no curso de pedagogia	Nilson Sousa Cirqueira; José Valdir Jesus de Santana; Reginaldo Santos Pereira.	2021	Revista Práxis Educacional
06	Currículo e formação em pedagogia: o que dizem estudantes sobre os paradoxos que marcam o trabalho com relações de gênero e sexualidades?	Roney Polato de Castro; Anderson Ferrari.	2021	Revista Brasileira de educação
07	Presenças e ausências de gênero e sexualidade na formação inicial em pedagogia das IES comunitárias de Santa Catarina	Tânia Mara Cruz; Márcia Buss-Simão.	2021	Revista HISTEDBR On-line

**Fonte:** Portal de Periódico Capes (Dez/2023-Jan/2024)

O quarto e último quadro elenca os artigos encontrados no banco de dados Portal de Periódicos da Capes. Para iniciar a análise e síntese dos artigos, gostaríamos de salientar que os textos de número 03 e 07 de Silva (2019) e Cruz e Simão (2021), apresentam duplicidade com os textos de números 03 e 05 do quadro de número 3 e o texto 06 no quadro de número 4, também tem duplicidade com o texto 04 do quadro 2. Em tal contexto, os três já foram abordados e daremos sequência aos demais textos.

Castro (2016), discute as experiências de formação inicial em um componente curricular que aborda as questões de gênero e sexualidades em um curso de Pedagogia. Utilizando diários de bordo produzidos pelas discentes, tomando como base a disciplina, foram selecionadas nas narrativas, trechos nos quais as pedagogas em formação foram instigadas nas relações com as escolas e/ou famílias. O autor concluiu que as discussões sobre gêneros e sexualidades na disciplina, contribuíram com a produção de algumas formas das discentes perceberem o seu cotidiano, suas relações e as vivências nas escolas, problematizando-as.

No artigo de número 02, Rios, Cardoso e Dias (2018), refletiram sobre as concepções das docentes do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, campus de Itabaiana, no que tange às questões de gênero, corpo e sexualidade, em uma perspectiva pós-estruturalista. O estudo apontou que houve avanços nas últimas décadas em relação às temáticas. Entretanto, há a necessidade de mudanças curriculares, na perspectiva de uma nova postura pedagógica e política, além de novas estratégias e atitudes pedagógicas.

No quarto artigo, intitulado “Pedagogias transgressoras: as potencialidades decolonizadoras de pedagogias que tratem de gênero e sexualidade”, Rodrigues (2019) discute a necessidade de uma pedagogia decolonizadora, perspectivando um contexto escolar que seja capaz de acolher a diferença e as questões e situações envolvendo o gênero e a sexualidade em uma perspectiva queer. Já o quinto artigo encontrado, aborda a formação docente e as relações de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Itapetinga-BA, no ano de 2019. No respectivo, Cirqueira, Santana e Pereira (2021), fazem um recorte de uma pesquisa de mestrado e problematizam os discursos sobre gêneros e docência, com base nos enunciados das docentes e discentes do curso. Após análises, foi salientado que as relações de gênero e sexualidades têm sido problematizadas no curso de Pedagogia, entretanto, o currículo do curso apresenta

lacunas. Além disso, as abordagens não ocorrem de modo interdisciplinar e as participantes anunciaram a importância de mudanças nesse cenário.

Com base nas sínteses e análises realizadas, é relevante salientar que há existência de lacunas, portanto há uma necessidade de aprofundamento nesta revisão sistemática. Nesse sentido, outro protocolo poderá ser produzido, outros critérios e descritores podem ser pensados, assim como outras fontes de dados poderão se somar a essas, visando um maior aprofundamento da respectiva temática e uma análise mais ampliada e apurada de tudo que foi encontrado. De modo geral, é possível salientar aspectos relevantes que foram apresentados nos artigos: investigaram políticas de formação e as produções das verdades, problematizaram a sexualidade, salientaram a ausência e presença dessas temáticas nos currículos, a abordagem pontual, ao invés de interdisciplinar, as negações, violências e silenciamentos de professoras(es), a necessidade de problematização, a inclusão de disciplinas em um cenário de lutas e disputas no currículo, os avanços e retrocessos ao longo dos anos, a relevância de focar no eu, no outro e nas diferenças, os estranhamentos e resistências e, sobretudo, a necessidade de mudanças curriculares.

Os resultados apresentados são de grande relevância, mas ainda assim, a revisão realizada aponta para a necessidade de pensarmos na ampliação dessas discussões, no aprofundamento no âmbito institucional, pensando na constituição histórica de disciplinas específicas, na relevância de problematizar a tensão e materialização dos corpos, de focar na organização e divergências das programas curriculares, de perceber a importância de problematizar não só as vozes das(os) docentes e discentes, mas também as vozes das(os) egressas(os) e coordenadoras(es) de curso, visando analisar diferentes enunciados e percepções, com ênfase na formação e nas práticas pedagógicas.

Perspectivando pensar pedagogia como diferença e a multiplicidade do currículo, apoiada em Macedo (2012), Silva (2000) e Paraíso (2012), passo para a segunda parte desse trabalho, na qual intencionamos discutir o que pode um currículo.

## 2 PEDAGOGIA E DIFERENÇA: O QUE PODE UM CURRÍCULO?

A leitura da obra intitulada: *Currículo Campo, conceito e pesquisa*, de Roberto Sidinei Macedo (2012), nos levou a pensar o currículo e todo emaranhado que o constitui histórica, culturalmente, socialmente, geograficamente, economicamente, dentre tantos fatores sociais. Além de permitir uma imersão em uma esfera complexa, desafiadora e em uma teia de questionamentos do tipo: “durante todo o nosso processo formativo e trajetória profissional o que aprendemos sobre currículo?”.

Perceber a polissemia do termo, entender o currículo como um terreno prático, historicamente formado e socialmente construído, que não se resume a questões relativas aos conteúdos e saberes desenvolvidos por disciplinas e sim como teoria que se respalda nos âmbitos teórico, político e prático, cujas questões necessitam ser debatidas pela sociedade, almejando o bem comum social, nos posiciona para o entendimento de que o currículo é fluido, é movimento e que se entrelaça com nossas vidas, vivências e experiências outras.

Falar de currículo, pensar suas potencialidades atreladas a uma pedagogia como diferença, é falar de vivências, de experiências e de vida. Nesse sentido, apoiamo-nos em Paraíso (2012), quando diz que é pensando nessas trajetórias, nas dúvidas, no que não podemos descartar e no que é possível abrir mão, que amparada por correntes pós-criticas, é possível questionar os diferentes currículos.

Para Macedo (2012), precisamos questionar as tentativas equivocadas, mercantilizadas ou niilistas que tentam reduzir o currículo, pois ele pode ser compreendido como um potente instrumento de constituição de realidades educacionais, afinal, currículo “[...] é poder, é complexo, mas até agora não sei bem o que é realmente” (Macedo, 2012, p.29).

Objetivando trilhar por um caminho que busca elencar tudo que não é currículo e as dificuldades que os atores e atrizes educacionais possuem para nocional o termo, Macedo (2012), nos apresenta e discute perspectivas disciplinares como orientação curricular e, respaldado em estudiosos

como Gallo (2004), o autor historiciza currículo desde a Grécia Clássica, na antiguidade grega e romana, reiterando que a perspectiva de currículo como um plano de estudos, que incitou sua concepção disciplinar, dominou a idade média, que decidiu fragmentar o conhecimento em áreas. Enfatiza o currículo moderno, sua predominância e consolidação entre os séculos XIX e XX, aborda acerca da introdução da crítica na história do currículo, em diálogo com Tomaz Tadeu da Silva (1999), salientando a formativa e relevante obra do autor acerca do movimento teórico no campo do currículo e a desestabilização das teorias tradicionais, destacando que o currículo naquele contexto passa a ser pensado como “construção social” (Macedo, 2012).

Antes de nos proporcionar o contato direto com as abordagens pós-críticas do currículo, Macedo (2012), discorre sobre os embates entorno das abordagens pós-formais, pós-críticas e pós-estruturalistas em currículo, salientando que a articulação com a perspectiva crítica ampliada, questiona as perspectivas hierarquizantes que se consolidaram historicamente.

Com base no exposto até aqui, reiteramos o questionamento que intitula este tópico: *O que pode um currículo quando pensamos na pedagogia como diferença?* A diferença é interpretada no multiculturalismo, como um elemento fundante que se movimenta no campo do currículo das teorias pós-críticas. Com base nisso, Macedo salienta que, na perspectiva pós-estruturalista, a análise da diferença enquanto expressão de ser no mundo e ser com o outro é basilar, portanto, a diferença passa a existir na nossa relação com o outro, não sendo absoluta e sim relacional, permeada por relações de poder (Macedo, 2012).

Macedo nos impulsiona a pensar que é por meio das relações de poder que o “diferente” e a “diferença” passam a ser compreendidos de modo negativo, quando relacionados com o “não diferente”. Por isso, a relevância de pensar com base na visão pós-estruturalista, que analisa a diferença a partir das formas de ser, com o outro e no mundo, perspectivando não compreendê-la de modo absoluto, mas sim, relacional. Diante

disso, o currículo é percebido como um campo discursivo que atravessa práticas de poder e de significação.

O autor pensa e discorre sobre o currículo nas diversas concepções pós-críticas, mas atentaremos para a pós-estruturalista, como salientamos anteriormente. Para ilustrar esta perspectiva do currículo, Macedo (2012), salienta que o pensamento pós-estruturalista também vai pensar o currículo e ter atitudes atuais sobre ele, no movimento de crítica da crítica do currículo. As análises das referidas perspectivas são caracterizadas de modo marcante por entender que o significado é construído socialmente, onde a incerteza é insuprimível, portanto, o significado é socialmente produzido e atravessado pelas relações de poder e saber que o envolvem.

Em tal contexto, no que tange às práticas curriculares, a sua relação com a verdade, será questionada, há a desestabilização do currículo, das certezas, não somente no modo como a abordagem pós-estruturalista lida com a verdade, mas também, questionando-a, intentando indagar todo o processo de construção da verdade. Acerca disso, Macedo (2012), salienta que o movimento pós-estruturalista questiona e desconfia dos binarismos antinômicos que sustentam o currículo, como os masculino/feminino teoria/prática; mente/corpo, entre outros, pois para ele, o pós estruturalismo é uma perspectiva desreificadora das formas e conteúdos do currículo que temos.

Essa nova forma de pensar o currículo, nos leva a compreensão de que por mais entraves e limitações que tendem a existir nos currículos e práticas curriculares dos cursos de pedagogia, ainda assim, pode ser possível pensar *o que pode um currículo*, considerando esse movimento e essa perspectiva desreificadora da abordagem pós-estruturalista, que poderá permitir ao indivíduo em processo de formação, refletir sobre a sua existência, suas relações e ações sociais.

Trilhar pelos caminhos das pesquisas pós-críticas, pós-estruturalistas em educação e em currículo, poderá contribuir para a problematização de temáticas como os corpos, os gêneros, as sexualidades, a diferença e a pedagogia, além da possibilidade de ampliarmos nossos objetos curricula-

res. Desse modo, ao elegermos as teorias pós-críticas, visando ressignificar currículos, também é possível apresentar o que pode um currículo, seus entraves e potencialidades (Paraíso, 2012). Para a autora, ao abraçarmos a perspectiva com a qual estamos trabalhando e intentando dialogar, há premissas e aspectos relevantes que precisamos considerar, pois “[...] nosso tempo vive mudanças significativas na educação [...]. Mudaram as pedagogias e os modos de ensinar e aprender” (Paraíso, 2012, p.26).

Em outras palavras, na contemporaneidade, há situações, pessoas e coisas permeadas por instabilidades, incertezas e fluidez, ademais, pesquisamos, educamos e produzimos em um contexto diferente e, a diferença, atravessa todas as esferas, povoando as ruas, as casas as escolas, as salas de aula, os currículos e os diversos âmbitos educativos, nos desafiando a pensarmos e agirmos, também de modo diferente, perspectivando contribuir com diferentes grupos e suas variadas e importantes lutas (Paraíso, 2012). Afinal, [...], a pedagogia e a educação não podem ser mais os mesmos. Consideramos que nossos entendimentos disso tudo também devem ser outros. Não podemos mais pesquisar do mesmo modo que, em outros tempos, investigamos em educação e em currículo” (Paraíso, 2012, p.26).

Neste cenário, para Paraíso (2012), nos interessa pensar para além das naturalizações, engavetamentos e formas fixas de estudos e análises, onde priorizamos apenas classe social e, nos atentarmos e operarmos com questões de raça/etnia, de geração, cultura, regionalidade, entre outras, assim como as questões de gênero e sexualidade, temáticas foco deste texto, que mesmo sendo nosso objeto de análise no contexto do currículo de pedagogia, nos instiga a (re)pensar a todo tempo o discurso que temos construído, as nossas versões de verdade e o riscos de novos aprisionamentos. No entanto, para essa autora, tudo o que vemos, lemos, sentimos, escutamos e analisamos, necessita ser questionado, problematizado, para compreendermos de que forma nossos discursos se tornaram verdadeiros, quais relações de poder atravessaram tal contexto e que outros discursos sobre currículo, educação e outras temáticas, foram ignorados (Paraíso, 2012).

Nesse sentido, toda a leitura que temos realizado, perspectivando a construção da nossa problemática, de alguma forma, nos impulsionou, seja revisitando outros materiais, questionando a nossa análise e escrita, ou trilhando meios para intentar problematizar a *Pedagogia E Diferença: O que pode um Currículo?* Certamente, esse processo não é diferente com outras pessoas e em outros contextos.

Depois de apresentadas as perspectivas de Macedo (2012) e Paraíso (2012), daremos sequência a este tópico, intentando dar continuidade as problematizações, a partir do questionamento supracitado, apresentando de modo sucinto o pensamento de Tomaz Tadeu da Silva (2000), no texto: *A produção social da identidade e da diferença*, mais especificamente, no tópico *Pedagogia como diferença*.

Para Silva (2000), pensar a diferença atrelada aos termos respeito e tolerância, no contexto da educação, parece vinculá-la a sentimentos nobres, no entanto, impossibilita que percebamos a diferença e a identidade como elementos produzidos socialmente e que são atravessados por relações de poder e por ser uma questão de produção, não há como tratá-la como uma questão de diálogo e aquiescência, mas sim, como uma questão permeada essencialmente, por relações de poder.

Ao sintetizar e descrever o que é identidade e o que não é, Silva (2000) frisa que a mesma descrição pode ser pensada para a diferença, pois não são fixas, estáveis, homogêneas, acabadas, mas são uma construção, fragmentadas, inconstantes, entre outros múltiplos aspectos. E naquele contexto, o autor questiona e em seguida argumenta: como tudo isso se traduziria em termos de currículo e pedagogia? [...] é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular (Silva, 2000, p.97). Perceba que o autor enfatiza a questão do outro e da diferença como um problema social e também um problema pedagógico e curricular, pois para além de se tratar de questões que atravessam todas as esferas da sociedade e relações, a questão da diferença importa e é relevante que esteja presente nas pautas pedagógicas e curriculares, nas múltiplas esferas educativas, pois, pode haver uma explosão de confron-

tos e/ou violência com a volta do outro que foi reprimido e ignorado, em uma sociedade com múltiplas dimensões de identidades. “O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente” (Silva, 2000, p. 97).

Ao salientar o porquê a diferença não pode deixar de ser uma preocupação pedagógica e curricular, o autor destaca que o “outro”, se apresenta de múltiplas formas em uma sociedade onde a identidade se estende por todas as direções e, quando Silva (2000) descreve o que é o outro, reitera a importância de pensar a diferença na perspectiva dos currículo de pedagogia, acerca das questões de corpos, gêneros e sexualidades, pois para além de demonstrar boa vontade para com a diferença, pode ser mais relevante pensar uma política curricular e pedagógica, cuja teoria, além de valorizar e reconhecer a diferença, questione-a, estimulando as discentes, (no caso, as pedagogas em formação), a transgredir, e subverter as identidades existentes (Silva, 2000).

Pensando nisso, algumas estratégias pedagógicas possíveis são abordadas por Silva (2000), que são classificadas como, “liberal”, “terapêutica”, uma “intermediária” e a que leva em conta as contribuições da teoria cultural recente, de inspiração pós-estruturalista: a primeira, intitulada “liberal”, é a que estimula e cultiva os bons sentimentos para com a nomeada “diversidade” e é pautada na ideia de respeito e tolerância (como sentimento de superioridade para com o estranho); a “terapêutica, que entende a diversidade como algo natural, bom, atribuindo rejeição ao outro e à diferença, a questões psicológicas, nesse sentido, um indivíduo não consegue conviver com a diferença, devido a entendimentos distorcidos, preconceito e discriminação, portanto, essas inadequações seriam trabalhadas a partir de estratégias pedagógicas; em tal contexto, surge a “intermediária”, e talvez a que mais se faz presente nos âmbitos educacionais, cujas estratégias se preocupam em apresentar uma visão distante, exótica, superficial e curiosa, da diferença, sem questionar as relações de poder.

Já a estratégia, cujo autor argumenta a favor, é uma abordagem que considera as contribuições da teoria cultural recente, sobretudo a pós-estruturalista, que se preocupa em questionar sobre a produção da identidade e da diferença e o modo como as instituições estão envolvidas em sua criação e fixação e que reconheça a incapacidade de a diversidade dar conta dessas questões. O autor conclui reiterando: [...] educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. [...] fazer pedagogia significa “procurar acolher o outro como outro (Silva, 2000, p.97).

Isto posto, podemos compreender que Macedo (2012), Paraíso (2012) e Silva (2000), problematizam direta e/ou indiretamente, o currículo e a pedagogia em seus textos, e nos convidam a pensar nas probabilidades existentes no que tangem à diferença e as diversas as temáticas e questões que atravessam essa esfera, perspectivando a “pedagogia como diferença”. Em tal perspectiva, findamos este tópico, reiterando o pensamento de Silva (2000), que argumenta em favor de uma estratégia pedagógica e curricular de abordagem da identidade e da diferença, que leve em conta, de modo especial, as contribuições da teoria cultural recente, nos fazendo pensar nas diferentes possibilidades, ao nos inspirarmos na perspectiva pós-estruturalista.

### 3 CONSIDERAÇÕES: ALGUMAS INTERROGAÇÕES E MULTIPLICAÇÕES POSSÍVEIS

Ao desenharmos a escrita de um texto, seja ele um resumo, um ensaio, um artigo ou mesmo uma tese, estamos produzindo ciências, abordando contextos históricos, instituições, documentos, mas também, falando de vidas, de pessoas, e de nós mesmas. O respectivo processo, nos permitiu analisar, sintetizar e compreender um pouco acerca das pesquisas e dos debates relacionados às questões de corpos, gêneros e sexualidades nos currículos, especialmente no currículo de pedagogia, percebendo

os silenciamentos, entraves, limitações e negações que permeiam esse contexto, assim como os avanços e potencialidades que atravessam o currículo. Além de dialogar com os textos de Macedo (2012), Paraíso (2012) e Silva (2000), que apresentaram toda a complexidade do currículo e as potências das perspectivas teóricas.

Ao retomar as perguntas que nortearam a revisão sistemática realizada: *Quais estudos foram realizados acerca da respectiva temática nos últimos 10 anos? E quais os entraves e possibilidades no que tange ao currículo de pedagogia?* consideramos que o objetivo foi alcançado, pois conseguimos apresentar, sintetizar e analisar importantes trabalhos que se debruçaram sobre as questões e, nestes, foram elencados os diversos entraves vivenciados em tais contextos, mas também as múltiplas possibilidades.

Reconhecemos que a revisão sistemática realizada foi produzida de forma minuciosa, mas ainda apresenta fragilidades. No entanto, notamos que foi possível debater e problematizar ideias a partir das pesquisas e estudos que abordam os corpos, os gêneros e as sexualidades no contexto do currículo e formação em pedagogia, além de apresentar aspectos relevantes dos estudos, como a presença e ausência dessas discussões nos currículos, as análises das negações, violências e silenciamentos de docentes, a inclusão de disciplinas específicas, os avanços e retrocessos nas últimas décadas, os estranhamentos, resistências e tantos outros. Ademais, as lacunas apresentadas, apontam, para a necessidade de pensarmos na ampliação dessas discussões no âmbito institucional e curricular e na produção de novas pesquisas.

Diante disso, ressaltamos que não há intenção de apresentar soluções para o currículo e para todos os entraves que envolvem a formação das(os) pedagogas(os), no tocante às temáticas supracitadas, pois reconhecemos as limitações existentes. Contudo, com base em tudo que foi elencado e discutido até aqui, faremos o seguinte questionamento: podemos pensar o currículo de pedagogia como um espaço para vivenciarmos, experienciarmos e problematizarmos a diferença, levando em conta que atitudes

como essas poderão contribuir para a valorização, multiplicidade e compreensão da produção das diferenças nos diversos contextos educativos?

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Roney Polato. Pensando sobre formação docente, subjetividade e experiência de si a partir da escrita de estudantes de Pedagogia. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 27, n. 1, p. 37-55, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8645897>. Acesso em: 15 out. 2025.

CASTRO, R. P. de; FERRARI, A. Currículo e formação em pedagogia: o que dizem estudantes sobre os paradoxos que marcam o trabalho com relações de gênero e sexualidades?. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260040, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260040>. Acesso em: 11 set. 2024.

CIRQUEIRA, Nilson Sousa; SANTANA, José Valdir Jesus de; PEREIRA, Reginaldo Santos. Formação docente e as relações de gênero e sexualidade no curso de pedagogia. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 45, p. 258-276, abr. 2021. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000200258&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000200258&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 Jan. 2024. Epub 03-Maio-2022. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i45.8348>.

CRUZ, T. M.; BUSS-SIMÃO, M. Presenças e ausências de gênero e sexualidade na formação inicial em pedagogia das IES comunitárias de Santa Catarina. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e021039, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8660223.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Mônica Cecilia; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. **Rev Esc Enferm USP**, 2011; 45(5):1260-6.

DE MELO, George Souza; A R MARTINS DE OLIVEIRA, Anna Luiza. Quando o currículo se torna passarela para a diferença. **Educar em Revista**, [S.l.], dez. 2020. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75681>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FERREIRA, T. de S., & BARZANO, M. A. L. (2014). Modos de ver, sentir e questionar: desvelando o lugar do gênero e da sexualidade no curso de Pedagogia. **Momento - Diálogos Em Educação**, 23(1), 147-166. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/4692>

GUIMARÃES, Eduardo Barbosa De Menezes; Da SILVA, Iolete Ribeiro; FERREIRA, Isabel Cristina Fernandes; ESPERANÇA Angelo Cabral. Projetos pedagógicos de curso em análise: gênero e sexualidade na formação docente. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, 2023. <https://doi.org/10.1590/0102-469841675>

DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004, p. 371-403.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**, 5. ed. Revista e atualizada. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MAKNAMARA, M., & PARAÍSO, M. A. (2013). Pesquisas pós-críticas em educação: notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, 22(40), 41-53.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012. p. 25-47.

RIOS, P. P. S.; CARDOSO, H. de M.; DIAS, A. F. Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo Queer. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 3, n. 8, p. 98-117, 2018. DOI: 10.25053/redufor.v3i8.272. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/272>. Acesso em: 25 Jan. 2024.

RIZZA, J. L.; RIBEIRO, P. R. C.; MOTA, M. R. A. A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/i/2018.v44/>. Acesso em: 02 mai. 2025.

RODRIGUES, E. H. S. (2019). Pedagogias transgressoras: as potencialidades decolonizadoras de pedagogias que tratem de gênero e sexualidade. **Revista**

**Espaço Acadêmico**, 18(212), 66-77. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/43394>

SOARES, A. G., & PARAÍSO, M. A. (2023). Gênero e sexualidade no currículo da pedagogia. *Imagens Da Educação*, 13(1), 54-76. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/61629>. Acesso em: 09 mar. 2025.

SOARES, A. G.; PARAÍSO, M. A. Trajetórias formativas com pesquisas em gênero e sexualidade na educação. **Educação**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. e31/ 1-23, 2022. DOI: 10.5902/1984644467829. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/67829>. Acesso em: 07 out. 2025.

SILVA, Apolônia Ferreira. PERCORRENDO OS CAMINHOS DIANTE DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: OS MOVIMENTOS DE FORMAÇÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADES NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA ENTRE OS ANOS DE 2006 E 2018. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 373-400, 2020. DOI: 10.14295/de.v7i2.9396. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9396>. Acesso em: 12 out. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

TORRES, Juliana Rezende; CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Formação docente crítica em torno das questões de raça, etnia, gênero e sexualidade à luz da concepção de educação libertadora de Paulo Freire. **Educar em Revista**, [S. l.], v. 37, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75679>. Acesso em: 05 out. 2025.

XAVIER FILHA, Constantina. Gêneros e sexualidades na formação docente entre dores e delícias: problematizações. **Ensino e Pesquisa**, União da Vitória: v. 19, n. 2, p. 167- 183, mai./ago., 2021. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/ensinoepesquisa/issue/view/229>. Acesso em: 05 jun. 2025.

XAVIER FILHA, C. X. (2017). Tecer E Entretecer A Vida: Educação Para As Sexualidades E Gêneros Na Formação Docente. **InterMeio: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Educação - UFMS**, 23(46). Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5319>.